

AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E A MOTIVAÇÃO METAFÓRICA QUE A ELAS SUBJAZ

IDIOM EXPRESSIONS AND THE METAPHORICAL MOTIVATION THAT UNDERLINE THEM

Camila Maria Corrêa Rocha¹

cacamilaca27@yahoo.com.br

Resumo: Até o final do século XIX, o léxico foi marginalizado nos estudos linguísticos devido à sua dificuldade de sistematização. A partir do século XX, reconheceu-se sua importância, viu-se que o vocabulário era o aspecto linguístico que mais reflete as mudanças socioeconômicas e culturais de um povo. A partir de então, ele passou a ser objeto de estudo de outras ciências, além da Semântica. Inicialmente, as palavras eram estudadas isoladas, até que se observou que havia na língua combinações estáveis cuja característica era a perda do sentido nominativo dos elementos que as compunham em benefício do conjunto. Estas palavras são denominadas expressões idiomáticas (EIs). Partiu-se do pressuposto de que a metáfora é inerente à constituição das EIs e, portanto, responsável por seu sentido figurado, o que se pretende comprovar. Entende-se por expressão idiomática uma unidade lexical proveniente da combinação de palavras que, aparentemente, não possuem nexos semânticos. Acredita-se ser a metáfora o fator semântico, por excelência, formador das expressões idiomáticas.

Palavras-chave: Léxico. Expressões idiomáticas. Metáfora.

Abstract: Until the end of the 19th century, the lexicon was marginalized in the linguistic studies due to its difficulty to systematize. From the 20th century, its importance was recognized, it was seen that the vocabulary was the linguistic feature that most reflects the social, economic and cultural changes of a people. Since then, it became to be the object of studies from other sciences, besides Semantics. Initially, the words were studied isolated, until it was observed that in language there were stable combinations, which characteristic was the loss of elements' word sense that composed them in benefit of the set. These combinations are called idiom expressions (IEs). Started from the assumption that the metaphor is inherent to the constitution of IEs and, thus, it is responsible for its figurative sense, which the study intends to investigate. It is understood by idiom expressions a lexicon unity from the word's combination that, apparently, have no semantic connection. It is believed to be the metaphor the semantic factor that builds the idiom expressions.

Key words: Lexicon. Idiom expressions. Metaphor.

¹ Doutoranda do Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos pela UNESP e docente da UTFPR-campus Apucarana, Paraná.

1 Introdução

Nos estudos semânticos sobre o léxico, os quais inicialmente eram dedicados às palavras isoladas, observou-se que a linguagem coloquial é composta por combinações estáveis, ilógicas do ponto de vista semântico-estrutural. Em outras palavras, observou-se a existência de expressões idiomáticas (EIs), um tipo de unidade fraseológica cristalizada por sua alta frequência de uso. As unidades fraseológicas, um nome genérico utilizado para referir-se às expressões idiomáticas, conforme explica Ortíz Alvarez (2000, p. 126),

[...] refletem, especialmente, por sua natureza metafórica, a história, a cultura e a forma de pensar de determinada comunidade, elas constituem a síntese dos valores espirituais, dos costumes e da idiossincrasia de um povo. Sua função é representar metaforicamente um conceito tornando-o mais expressivo.

Segundo Ortíz Alvarez (2000, p. 73), as expressões idiomáticas refletem a dinamicidade da língua e se adaptam às necessidades comunicativas. Elas podem ter duração efêmera ou serem incorporadas ao léxico de uma língua; elas são um dos elementos mais pitorescos da língua, patrimônio de vozes de diferentes origens e, ainda que empregadas frequentemente pelos falantes, contribuem para tornar a língua um repertório fraseológico vivo representativo da sabedoria popular (ORTÍZ ALVAREZ, 2000, p. 4).

Se a língua é o espelho de um povo, então, ela deve refletir seu universo conceitual e simbólico, o que acreditamos ser possível por meio do estudo das expressões idiomáticas, as quais “[...] formam um todo indissolúvel como resultado de uma compacta articulação e cristalização de todo um saber amadurecido que as comunidades codificaram na oralidade” (ORTÍZ ALVAREZ, 2000, p. 269). Para a referida autora, as expressões idiomáticas não se formam pela mera união de constituintes; ao contrário, elas resultam de um processo de criação no qual há a junção de determinados elementos para um significado global, de modo que, nessa operação, a sintaxe é neutralizada parcial ou totalmente. Acreditamos que este processo de criação seja permeado pela metáfora.

Castro (1978, p. 118) conceitua a metáfora como um “[...] recurso inestimável e constante de criação e recriação dentro da língua, desde tempos imemoriais. É instrumento do conhecer e do nomear. Sua função é favorecida pelos tabus linguísticos, pelos eufemismos, e por outros recursos”.

A metáfora é a fonte mais rica de onde emana o sentido figurado, bem como o elemento constitutivo dos sentidos construídos e desconstruídos nas atividades linguísticas do cotidiano. Tal relevância foi motivadora de nossa escolha por esta figura de linguagem como

elemento a ser investigado na constituição das expressões idiomáticas; porém, admitimos que outras figuras de linguagem, além da metáfora, podem atuar na composição das EIs.

Temos, portanto, como foco neste estudo, comprovar a hipótese de que as expressões idiomáticas são motivadas, em sua constituição, pela metáfora. Em leituras realizadas para trabalhos anteriores desenvolvidos sobre o tema, observamos que tal hipótese já é aceita pela maioria dos fraseólogos e estudiosos, porém nenhum deles procurou compreender mais a fundo os mecanismos pelos quais a metáfora induz a que as expressões idiomáticas adquiram determinado sentido pela união de palavras, aparentemente, sem qualquer nexo semântico.

Esperamos que esta análise seja uma forma a mais de aperfeiçoar o ensino das expressões idiomáticas nas aulas de português como língua estrangeira, já que, no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, são frequentes as referências às dificuldades que supõe aprendê-las, pelo fato delas serem uma combinação fixa de palavras e de terem, geralmente, um significado diferente do que têm seus elementos quando analisados isoladamente. Essas particularidades justificam o esforço que o aprendiz de português como língua estrangeira deve fazer para incorporá-las.

2 A metáfora

A metáfora é um dos instrumentos que materializa o sentido figurado. Ela existe graças ao poder criador da linguagem, que se recria, continuamente, com base nos atos linguísticos anteriores. O ato criador, em qualquer que seja o campo de atividade, é, segundo Ostrower (1987, p. 9), o resultado da capacidade de compreender e, posteriormente, relacionar, ordenar, configurar e, por fim, significar.

O sentido figurado, como explica Brandão (1989, p. 7), sempre foi um ponto de divergências entre os estudiosos da linguagem; ele é, na concepção da autora, uma forma aberta a duas ou mais interpretações, visto que se projeta, em sua estrutura, a polivalência. Arrojo e Rajagopalan (1989, p. 38) destacam que, por mais que a linguagem figurada tenha sido alvo de discordância entre os estudiosos, qualquer teoria que fundamenta os estudos linguísticos admite a existência, na linguagem, de dois sentidos, o literal e o não literal, também chamado figurado, sendo o primeiro estável, independente da interferência do contexto, e o segundo considerado uma derivação do literal, um desvio ou, até mesmo, um parasita dele. Nessa perspectiva, cabe às figuras de linguagem e aos tropos organizarem as relações aparentemente ilógicas entre significantes e significados, com vistas a compreender a lógica que as determina.

A metáfora é inerente à atividade linguística, é constitutiva dos sentidos que são construídos no cotidiano e materializa-se, como explicam Lama e Abreu (2001, p. 54), em uma infinidade de expressões de que se utilizam os falantes de determinada língua para exteriorizarem suas experiências e sentimentos. “A criação das metáforas, unida ao processo de lexicalização, é um meio importante de enriquecimento do vocabulário de uma língua” (LAMA; ABREU, 2001, p. 63). Para Ullmann (1964, p. 442), ela é composta, basicamente, por dois termos: o elemento do qual se fala e a ideia com a qual tal elemento é comparado, de modo que, quanto maior for a diferença entre esses dois termos, mais expressiva será a metáfora.

A metaforização desempenha um papel relevante na fraseologia. Conforme expõe Ortíz Alvarez (2000, p. 131), a metáfora “é a fonte mais propícia para o enriquecimento do caudal fraseológico de uma língua”. Tal metaforização resulta da combinação entre um objeto concreto e um conceito, os quais a autora denomina conceito superficial e conceito profundo respectivamente, por meio da dessemantização; esta deve ser entendida como a perda da função nominativa das palavras em uma combinação a partir da sua metaforização, de modo que tal combinação passa a ter características semânticas e estruturais próprias.

2.1 Classificação das metáforas

Ullmann (1964, p. 442) subdivide-as em quatro grupos, presentes nas mais variadas linguagens e estilos literários: metáforas antropomórficas, metáforas animais, metáforas que vão do concreto para o abstrato e metáforas sinestésicas. As primeiras, as antropomórficas, cuja aparição já era frequente no século XVIII, estão presentes na raiz de inúmeras expressões corriqueiras nas quais objetos inanimados são comparados à vista humana, como ocorre com a palavra *boca*, que se aplica a uma gama de objetos que a lembram, ou por sua aparência, ou por sua forma, ou por sua posição (ex.: boca de um rio). No sentido oposto, partes do corpo também podem receber nomes de objetos (ex.: maçã do rosto).

As metáforas animais, por sua vez, como o próprio nome atesta, são aquelas que partem do reino animal para tecer comparações. Assim, o nome de muitas plantas deve-se a uma semelhança vaga, burlesca ou fantasiosa com um animal (ex.: a planta dente de leão); pode ocorrer, também, que objetos, instrumentos e máquinas recebam um nome por sua semelhança com animais, como é o caso da palavra *crab*, cujo sentido literal, em inglês, é caranguejo, mas que passou a designar, também, o guindaste. Além das plantas e dos objetos, pessoas podem ser comparadas a animais (ex.: dizer que alguém é um gato ou um porco).

Ao terceiro grupo pertencem as metáforas que traduzem experiências abstratas em termos concretos, ou seja, por trás da palavra ou expressão abstrata há uma experiência concreta, como se pode observar com a palavra *luz*, no inglês, na expressão *to throw light on* cujo significado é lançar luz sobre, esclarecer, tornar compreensível, como exemplifica Ullmann (1964, p. 449). Por fim, nas metáforas sinestésicas, são explorados os cinco sentidos, os quais são transpostos de forma inusitada (ao dizer que uma voz é quente ou doce, por exemplo). A sinestesia consiste, nas palavras de Castro (1978, p. 29), “[...] na atribuição de uma qualidade ou faculdade a uma coisa que a não pode ter senão figuradamente, ou melhor, quando se cruzam sensações diversas”.

Outra classificação das metáforas, embora mais simples, é a que propõe Brandão (1989, p. 79). São metáforas *in absentia* aquelas em que não aparece o termo cujo referente é evocado, ao passo que nas metáforas *in praesentia* os dois termos são mencionados; a autora acrescenta que, segundo a concepção retórica, somente as primeiras eram consideradas metáforas verdadeiras, visto que seus sentidos só poderiam ser apreendidos por meio de uma análise. Nessa perspectiva, ao dizer que alguém é uma baleia, está-se utilizando uma metáfora verdadeira; por outro lado, a retórica não considera a expressão “ser feio como um espantalho” uma metáfora, devido à menção ao teor e ao veículo. Paschoal (1990, p. 121) explica que, na primeira, o veículo está presente, mas o teor ausente, o que obriga o leitor a descobri-lo, a fim de compreender a similaridade, ao passo que na segunda ambos estão presentes.

Castro (1978, p. 35) agrupa-as, a partir do estudo das metáforas machadianas, pelo tipo de semelhança percebida entre o teor e o veículo; nessa perspectiva, a semelhança pode ocorrer na forma dos elementos, na sua função e na situação em que ocorrem. A similaridade pela forma é a razão de uma infinidade de metáforas da língua corrente; ela se dá, pois a forma de determinado objeto lembra a de outro com o qual se estabelece a semelhança. Na semelhança por função, a associação estabelece-se entre os dois termos por terem finalidades afins; a semelhança entre situações nas quais elas ocorrem pode, também, originá-las.

As metáforas possuem três funções, de acordo com Castro (1978, p. 83): a de dissimular as impressões, a de potencializá-las e a de unificá-las. A função dissimuladora serve para encobrir impressões e sentimentos que se busca ocultar. Como potencializadora das impressões, ela visa a enfatizá-las para mostrar melhor e mais claramente o pensamento. A metáfora também unifica, quer dizer, “[...] busca apresentar os distintos dados da realidade numa unidade mais profunda, fundindo-os numa só expressão” (CASTRO, 1978, p. 92).

3 As expressões idiomáticas

As expressões idiomáticas são um tipo de unidade fraseológica, juntamente com os clichês, as frases feitas, os provérbios, para citar algumas. Xatara (1998, p. 149) define expressão idiomática como uma “lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Para Lama e Abreu (2001, p. 66),

[...] essas expressões se caracterizam por serem elementos fraseológicos que obedecem a certos critérios, pois são estruturas fixas, estudadas como um bloco linguístico, ligadas a uma determinada língua.

Conforme expõe Ortíz Alvarez (2000, p. 109), elas são criadas da necessidade que o homem tem de comunicar suas emoções e sentimentos. Tal necessidade obriga-os a compor combinatórias inusitadas capazes de dar o efeito de sentido desejado; em outras palavras, a ausência do que se quer comunicar no repertório lexical de que os falantes dispõem é a causa da criação e difusão das expressões idiomáticas. Elas albergam parte da riqueza da linguagem, visto que sua compreensão vai além da função nominativa dos signos que as compõem; soma-se a isso sua imprevisibilidade na forma e no sentido e a expressividade e o realce com que elas referenciam saberes enraizados na cultura da qual fazem parte. Sua existência e perpetuação dependem do elemento cultural, o qual pode eliminá-las, bem como alterá-las.

Podemos, como forma de resumo, defini-las como unidades lexicais provenientes da combinação de palavras que, aparentemente, não possuem nexos semânticos, mas que, por sofrerem mutação, não mais podem ser compreendidas mediante a decomposição de seus termos.

3.1 Características das expressões idiomáticas

Ortíz Alvarez (2000, p. 41), ao fazer um percurso teórico acerca das características gerais das EIs, observou que, em geral, a elas são atribuídas a pluriverbalidade, a estabilidade e o sentido figurado. Porém a autora acrescenta outros traços, mediante os quais se reconhece uma EI. São eles: a combinabilidade, a expressividade, a convencionalidade, a idiomaticidade, a metaforicidade, a opacidade e a fixação.

No que concerne à pluriverbalidade, que é aceita pela maior parte dos fraseólogos, concorda-se que toda EI é formada por, no mínimo, duas palavras, sendo que uma delas é a palavra-chave (a que detém a significação) e a(s) outra(s), a auxiliar. No caso da estabilidade,

é do senso comum considerar que todas as EIs são estáveis em sua estrutura, ou seja, possuem uma forma rígida; no entanto, para Ortíz Alvarez (2000, p. 141) tal estabilidade é relativa, visto que algumas admitem a inserção de outros elementos à sua estrutura sem que seu significado seja comprometido.

A terceira característica inerente a elas é o sentido figurado, segundo a qual as palavras assumem conotações que as distanciam do seu sentido primário, fundamental, e são processadas conjuntamente. A combinabilidade, por sua vez, refere-se à possibilidade que os elementos linguísticos têm de combinar-se, ainda que, em muitos casos, tal combinação pareça, aparentemente, ilógica.

A expressividade atribuída a tais estruturas deve-se à sua natureza essencialmente metafórica, como explica Ortíz Alvarez (2000, p. 147); tal expressividade é um reforço da função representativa da linguagem, bem como da língua falada, na qual as EIs aparecem com mais frequência. Para Ortíz Alvarez (2000, p. 147), essa característica se manifesta graças à união de três elementos: o denotativo, que serve de base para a criação imagética por meio da metáfora, entre outras maneiras; o conotativo, resultante do processo desencadeado pelo componente denotativo; e o elemento valorativo, relativo ao valor que o falante confere ao que diz.

Outra característica que lhes é atribuída é a convencionalidade, a qual se estabelece socialmente. Ela pode manifestar-se nos níveis sintático e semântico. Sintaticamente, tem-se como exemplo a gramaticalidade de tais estruturas. Como explica Ortíz Alvarez (2000, p. 149), “[...] no caso da gramaticalidade temos as expressões que, desafiando quaisquer explicações gramaticais, tornam-se consagradas pelo uso, pois foram aceitas por falantes de todo tipo de nível sócio-cultural.” A convencionalidade semântica, por sua vez, aparece na relação não motivada entre determinadas expressões e seus significados.

A idiomaticidade, outra característica proposta por Ortíz Alvarez (2000, p. 150) para as EIs, consiste na dificuldade de decodificação do seu significado pela observação de seus termos isolados. Para Tagnin (1989, p. 43), ela pode existir nas EIs em graus diferentes, de modo que as que são de fácil compreensão seriam menos idiomáticas, ao passo que aquelas cujos elementos isolados não contribuem para a sua compreensão seriam mais idiomáticas. A metaforicidade é outro elemento constitutivo das EIs, ou seja, elas possuem essencialmente uma natureza metafórica em sua constituição. A opacidade também é um traço característico e está intimamente relacionada à idiomaticidade, de modo que quanto mais opaca for a expressão, mais idiomática ela será.

Por fim, a fixação, apontada por Ortíz Alvarez (2000, p. 153), é uma característica muito questionável entre grande parte dos estudiosos, para os quais as EIs não são fixas em sua estrutura, mas estão em constante transformação. Para a referida autora, por outro lado, ainda que a historicidade e a criatividade sejam inerentes à linguagem humana, a fixação segue sendo uma característica fundamental das EIs, de modo que variações e alterações somente são aceitas quando estas não alteram seu significado.

4 A análise

Para a presente análise, foram selecionadas 4 EIs do corpus trabalhado na dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação da Profa. Dra. Edina Regina Pugas Panichi. Neste estudo, realizado no ano de 2008, analisamos 67 expressões idiomáticas pertencentes ao campo semântico dos corpos humano e animal. Aqui, interessa-nos demonstrar, por meio da análise de uma pequena amostra deste corpus, que a metáfora é o fator semântico, por excelência, formador do sentido figurado das EIs. Para isso, será feita uma pesquisa da palavra ou palavras relativas aos corpos humano e animal (as quais consideramos ser a palavra-chave das EIs), no caso de haver mais de um núcleo presente na EI, em dicionários gerais, analógicos e simbólicos, com vistas a comprovar a hipótese inicial apresentada. Pretendemos demonstrar que o ensino das EIs nas aulas de português como língua estrangeira pode ser feito pela exploração das relações analógicas e simbólicas que elas comportam em sua constituição.

Para a pesquisa, utilizamo-nos primordialmente dos seguintes dicionários: o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986), por ser ele o mais completo e atualizado dicionário da língua portuguesa. No que concerne à analogia, foi usado o *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa*, de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo (1983). Quanto à simbologia, utilizamos o *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, de Chevalier (2001), que traz um vasto repertório de símbolos com interpretações diversas e suficientemente representativas.

No quadro abaixo, são apresentadas as EIs que serão analisadas a partir de suas palavras-chave.

<i>Palavra-chave da EI</i>	<i>EI</i>
ASA	Cortar as <u>asinh</u> as (de alguém)

BICO	Estar no <u>bico</u> do urubu
BRAÇO	Dar uma de João sem <u>braço</u> Não dar o <u>braço</u> a torcer

A primeira expressão idiomática a ser analisada é *cortar as asinhas (de alguém)*. Ferreira (1986, p. 179), em seu dicionário, atribui várias definições ao substantivo asa, dentre as quais interessa-nos: “1. membro emplumado das aves, órgão principal do voo (no caso dos pássaros) e do nado (no caso dos pinguins); 2. parte da superfície do avião que produz sustentação aerodinâmica; 3. os ombros ou os braços”. Também aparece no dicionário “aparar as asas de”, que condensa a mesma ideia expressa pela EI em análise. Assim, *cortar as asas (de alguém)* significa, de acordo com Ferreira (1986, p.180), “restringir as manifestações de independência ou de intimidade com alguém”.

Consultada a simbologia da palavra-chave asa, Chevalier (2001, p. 90) atribui a ela ser símbolo de leveza espiritual, de liberação e do alçar voo, ao passo que, para Lurker (2003, p. 55), ela é símbolo da ausência da gravidade e da superação do terreno. Já Azevedo (1983, p. 402) associa a asa, por analogia, à proibição, inibição, interdição, as quais resumem a ideia condensada na EI. Tem-se, portanto, em sua formação, uma base metafórica, pois o emprego da palavra asa tem como base seu significado comum e nasceu da observação intuitiva de semelhanças entre a ave e o homem; tal semelhança fixa-se graças à imagem que se forma para a apreensão da linguagem figurada que embasa o sentido.

De acordo com a classificação das metáforas proposta por Ullmann (1964, p. 442), a EI *cortar as asinhas de alguém* é construída por meio de uma metáfora animal, em que a esfera humana é comparada aos animais. Segundo a classificação proposta por Castro (1978, p. 35), o teor e o veículo são associados pela função que desempenham, ou seja, as asas têm como função tirar a liberdade, a capacidade de alçar voo tanto do homem quanto das aves. Em *cortar as asinhas de alguém*, tem-se uma expressão idiomática, aparentemente sem nexo semântico, uma combinação inusitada de palavras, as quais, por sofrerem mutação, sacrificam seu sentido primário em benefício do conjunto para significarem a proibição de uma pessoa de fazer algo. Tem-se, portanto, uma anomalia semântica (Ortíz Alvarez, 2000, p. 119), devido à ilogicidade que supõe cortar as asas de uma pessoa, visto que ela não as possui.

Dentre as características propostas por Ortíz Alvarez (2000, p.141), a estabilidade considera que todas as EIs são estáveis em sua estrutura de forma rígida; no entanto, para a autora, tal estabilidade é relativa, visto que algumas EIs admitem a inserção de outros

elementos sem que seu significado seja comprometido, como acredita-se ser o caso da EI em análise, visto que se pode dizer ‘cortar estas asas’, ‘cortar as suas asas’ etc.

A segunda EI a ser analisada que compõe o corpus é *estar no bico do urubu*. O bico é definido, por Ferreira (1986, p. 255), como a “proeminência córnea da boca das aves e doutros animais”. Como complemento, o urubu é a ave de cabeça pelada que se alimenta de carne em decomposição, segundo Ferreira (1986, p. 1743). Estar no bico do urubu significa encontrar-se em uma situação difícil, de resolução problemática. Com vistas a tentar compreender a motivação metafórica que subjaz à EI, serão exploradas, analogicamente, as palavras *bico* e *urubu*. Ao bico associam-se as ideias de ficar, pôr-se, permanecer na frente, defrontar, segundo Azevedo (1983, p. 103), ao passo que o urubu remete à pretidão, à escuridão, conforme expõe Azevedo (1983, p. 189). Disso resulta que estar no bico do urubu é o mesmo que encontrar-se em meio à pretidão, à escuridão, ou seja, em uma situação difícil.

Com base nestas considerações, pode-se dizer que a EI é motivada, em sua constituição, pela metáfora. É por meio dela que seu sentido transita do incongruente, do ponto de vista da literalidade, para uma congruência metafórica, nas palavras de Ricoeur (1992, p. 146).

Pelas ideias de pretidão e de escuridão que remetem ao substantivo urubu, as quais pertencem ao sistema ontológico e são, portanto, compartilhadas pelos interlocutores, a imaginação - um componente genuíno da metáfora, segundo Ricoeur (1992, p. 156), contribui para a compreensão do sentido figurado da EI, pois, ao imaginar que alguém está no bico do urubu literalmente, subentende-se que esta pessoa esteja em uma situação difícil. Nessa perspectiva, o teor e o veículo se assemelham pela situação em que ocorrem.

A terceira EI é *dar uma de João sem braço*. A palavra *braço*, cuja procedência é grega *bracchíon*, pelo latim *brachiu*, segundo Ferreira (1986, p. 28), define-se como o segmento, o membro superior que se estende da espádua ao cotovelo. Gurgel (1998, p. 198), em seu dicionário de gírias, conceitua a EI em análise como “tentar ver se dá certo”. Para, Chevalier (2001, p. 140), do ponto de vista simbólico, o braço simboliza a força, o poder, a eficácia. Silva (2003) explica a origem da EI: o nome *João* provém de joanete (deformação crônica de dedos dos pés). Assim, quando os agricultores apresentavam tal deformação e eram solicitados para trabalhar na lavoura, alegavam estar impossibilitados, sendo chamados, portanto, de *joões*. Nesse contexto, o trabalho na terra, que se consolidou como uma herança cultural portuguesa, tornou-se um castigo imposto a quem não podia fazer outra coisa a não ser viver da lavoura. Essas informações demonstram, portanto, que aquele que dá uma de

João sem braço mostra-se desinteressado, incapaz de realizar quaisquer atividades. Por analogia, Azevedo (1983, p. 66) associa-o às ideias de vigor, vitalidade, competência, eficácia, de maneira que quem dá uma de João sem braço mostra-se inapto, incapaz, incompetente. Portanto, Silva (2003, p. 74) explicita que

[...] simular não ter um ou dois braços constitui-se em recusa para fugir ao trabalho e a outras obrigações. Não demorou e a expressão dar uma de João - sem - braço migrou para o rico, sutil e complexo reino da metáfora, aplicando-se a diversas situações em que a pessoa se omite, alegando razão insustentável.

Acredita-se que a metáfora que subjaz à constituição da EI *dar uma de João sem braço* é responsável por organizar a relação ilógica, do ponto de vista da literalidade, entre os elementos que a compõem, conforme expõe Brandão (1989, p. 9), o que confirma o papel que as figuras de linguagem desempenham na constituição do sentido abstrato.

Ullmann (1964, p. 442) postula que a metáfora é composta por dois termos: o teor e o veículo, respectivamente aquele sobre o qual se fala e o outro com o qual o primeiro é comparado, e completa que quanto maior for tal diferença entre o teor e o veículo, mais expressiva a metáfora será. Transpondo tais ideias à EI em análise, tem-se em *dar uma de João sem braço* uma EI imbuída de grande expressividade, devido à diferença existente entre o omitir-se a trabalhar por razões nada convincentes e a comparação desta postura com um João sem braço. Pôde-se comprovar, por meio as considerações sobre a simbologia e a analogia, o que afirma Davidson (1992, p. 35) a respeito da metáfora: a dependência existente entre o emprego imaginativo das palavras que a formam e o significado comum delas.

Segundo a classificação de Castro (1978, p. 35), quem agrupa as metáforas pelo tipo de semelhança que há entre o teor e o veículo, observa-se, na presente, similaridade entre a situação em que ocorrem.

Conforme dito anteriormente, consideram-se as EIs e, particularmente, *dar uma de João sem braço*, um tipo de unidade fraseológica; tal afirmação baseia-se no conceito de unidades fraseológicas proposto por Ortíz Alvarez (2000, p. 90), para quem elas são estruturas compostas por duas ou mais palavras e indivisíveis do ponto de vista semântico, quer dizer, a compreensão do seu sentido implica que elas sejam consideradas como bloco linguístico. Nesse sentido, Penadés Martínez (1999, p. 14) observa que um sintagma pode ser considerado uma unidade fraseológica desde que, em sua constituição, as palavras se combinem com certa estabilidade, como se pôde constatar nas EIs em análise.

A última expressão idiomática analisada é *não dar o braço a torcer*. A palavra *braço* é definida por Cunha (1986, p. 121) como “cada um dos membros superiores do corpo humano”. Dentre as várias acepções que lhe são dadas no , por Ferreira (1986, p. 279), são pertinentes ao sentido global da expressão sua alusão à força, ao poder e à autoridade; na EI, por sua vez, está presente a ideia de que alguém que não dá o braço a torcer não se confessa vencido, fica irredutível, quer dizer, segue defendendo sua opinião com veemência; por outro lado, dar o braço a torcer aparece no referido dicionário como um brasileirismo cujo significado é “mudar de opinião ante a evidência do erro; confessar-se vencido, derrotado” (FERREIRA, 1986, p. 280). Chevalier (2001, p. 140) explica o valor desta palavra, sob a perspectiva da simbologia: “o braço é o símbolo da força, do poder, do socorro concedido, da proteção. É também o instrumento da justiça [...]”. Em seu dicionário analógico, Azevedo (1983, p. 66) associa-o ao poder, à potência, à ascendência, ao domínio, ao controle, à predominância, à hegemonia e à onipotência, de modo que quem não dá o braço a torcer, não aceita sair da posição de poderoso, infalível, onipotente, dominador, ou seja, não quer mostrar-se derrotado, vencido.

Pode-se dizer que, na presente expressão, a transferência do significado literal para o figurado ocorreu a partir da observação de semelhanças intuitivas entre a ideia de não se aceitar vencido e o ato de não dar o braço a torcer, considerando que, conforme já visto, a este membro do corpo associam-se o poder e a autoridade, daí dizer-se que tal expressão teve como motivação a metáfora. Corrobora esta ideia o fato de que tal EI pode ser parafraseável a uma maneira menos atrativa e inusitada de transmitir a mensagem, o que é, para Booth (1992, p. 57), uma das maneiras pelas quais se pode reconhecer que determinada estrutura é metafórica. Se se consideram as três funções propostas por Castro (1978, p. 83) desempenhadas pela metáfora - a dissimuladora, a potencializadora e a unificadora - julga-se que a EI em questão assume a função potencializadora, visto que ela visa a enfatizar a ideia representada pela EI.

Observa-se, pois, a relação metafórica implícita na construção do sentido de não dar o braço a torcer; seus componentes sacrificaram seu significado individual em benefício do conjunto, para darem a ideia de que alguém não se assume vencido, derrotado. Tal observação consiste no que Ortíz Alvarez (2000, p. 153) chama de metaforicidade; também a perda do significado nominativo dos seus elementos revela a idiomaticidade. A metaforicidade e a idiomaticidade são características apontadas por Ortíz Alvarez (2000, p. 150), mediante as quais se pode dizer que um sintagma é uma EI. Outra característica observada que a difere de

outros sintagmas é a pluriverbalidade, a qual, de acordo com Ortiz Alvarez (2000, p. 141), refere-se ao fato de a EI em análise ser formada por mais de duas palavras e ter como núcleo o substantivo braço, o qual se acredita ser o detentor da significação.

5 Considerações finais

As expressões idiomáticas são compostas por, no mínimo, dois elementos que se organizam de forma restrita ou parcialmente restrita. Disso resulta sua opacidade, propriedade que seu sentido tem de não poder ser compreendido mediante a decomposição de seus termos, visto que ele é global e metafórico. Não só elas, mas as gírias e outras formas de manifestação da linguagem popular são coloridas pela metáfora, daí sua importância na formação da linguagem comum.

Assim, ao contrário do que por muito tempo se pensou, a metáfora não é exclusiva da linguagem literária, mas ocorre nos discursos do cotidiano, em estruturas de base figurativa, como nas expressões idiomáticas. Nestes contextos, seu uso visa a suavizar determinada ideia, reforçá-la, bem como ironizá-la. Acreditamos que a metáfora manifesta-se por meio de analogias e similaridades.

Pretendemos, com este estudo, comprovar a hipótese de que as EIs, em especial as componentes do corpus analisado, são motivadas em sua constituição pela metáfora. Ainda que tal hipótese se tenha confirmado em uma pequena amostra, devemos mencionar que, na análise de 67 EIs feita em momento anterior de pesquisa acima mencionado, a mesma hipótese, de um modo geral, confirmou-se. Apesar disso, não podemos afirmar que todas as EIs são motivadas metaforicamente, visto que outras figuras de linguagem podem ser motivadoras de sua constituição, e, em alguns casos, somente a etimologia é capaz de explicar determinadas evoluções no significado que determinaram as EIs que conhecemos hoje.

Concordamos com Welker (2004, p. 173), para quem há a existência de graus de motivação, quer dizer, pode haver EIs motivadas, pouco motivadas e não motivadas (no caso das que se construíram com base na etimologia). Podemos concluir, do exposto, que a metáfora é o fator semântico por excelência formador das EIs.

Referências

- ARROJO; R.; RAJAGOPALAN, K. **A noção de literalidade**: metáfora primordial. São Paulo: D.E.L.T.A., 1989.
- AZEVEDO, F. F. S. **Dicionário analógico da língua portuguesa**: ideias afins. Brasília: Coordenada/Thesaurus, 1983.
- BOOTH, W. C.. **A metáfora como retórica**: o problema da avaliação. In: SACKS, S (ed). Da metáfora. São Paulo: EDUC/ Pontes, 1992, p. 53-77.
- BRANDÃO, R.O. **As figuras de linguagem**. São Paulo: Ática, 1989.
- CASTRO, W. **Metáforas machadianas**: estruturas e funções. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DAVIDSON, D. **O que as metáforas significam**. In: SACKS, S (ed.). Da metáfora. São Paulo: EDUC/ Pontes, 1992, p. 35-53.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GURGEL, J. B. S. **Dicionário de gíria: modismo linguístico** - o equipamento falado do brasileiro. 5. ed. Brasília: JB Serra e Gurgel, 1998.
- LAMA, E. C.; ABREU, A. S. A motivação metafórica das expressões idiomáticas na interface entre o português e o espanhol. In: **Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos**. Madrid, 2001.
- LURKER, M. **Dicionário de simbologia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ORTÍZ ALVAREZ, M. L. **Expressões Idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba**: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. 2000. Campinas, SP. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem- UNICAMP, 2000.
- OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- PASCHOAL, M. S. Z. Em busca da elucidação do processo de compreensão da metáfora. In: PONTES, E. (Org.). **A metáfora**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990, p.115-128.
- PENADÉS MARTÍNEZ, I. 1999. **La enseñanza de las unidades fraseológicas**. Madrid, Arco Libros.

RICOEUR, P. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: SACKS, S. (ed.). **Da metáfora**. São Paulo: EDUC/ Pontes, 1992, p.145-161.

SILVA, D. **A vida íntima das frases**. São Paulo: A Girafa, 2003.

TAGNIN, S. O. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa**: Revista de Linguística. São Paulo, v. 42, p. 147-159, 1998. Número especial.